

Será que um céu estrelado vale toda a dor deste mundo? A resposta já é ensaiada logo de cara pela escritora Eunice Mendes ao iniciar o conto *Starry night* (Noite estrelada) dedicando-o ao pintor da famosa obra de arte homônima: "para Van Gogh e todos aqueles que em algum momento não se encaixaram neste mundo". A história gira em torno da personagem Luna, nascida meiga, dócil e sem o lado obscuro da natureza humana que julga, corrói as relações e evidencia todo o mal dilacerador de vidas inteiras. Ela está livre do pecado original que macula e impossibilita uma existência plena, fora do alcance da mediocridade humana, limitada apenas a nascer, procriar e morrer.

Luna é muda, porque não consegue se comunicar com os narcisistas incapazes de reconhecer e interagir com os diferentes para compartilhar as experiências vividas. Eles não a compreendem e a tratam de forma estúpida e preconceituosa. Afinal, ela representa uma ameaça às regras cruéis impostas pela convivência em sociedade, apesar de (e por ser) tão inofensiva. Para dar conta da vida, é preciso vestir uma beca de normalidade, falar sem parar, agir para agradar os outros, atuar por meio de crenças em criaturas divinas, dar com uma mão e tirar com a outra, além de cumprir os rituais já estabelecidos que igualam e, ao mesmo tempo, renegam os excluídos.

De tanto se sentir culpada por aqueles que não viam nela um ser humano único, a barriga de Luna começa a crescer sem que ela tivesse feito algo para isso. Assim como a Virgem Maria, que engravidou do Espírito Santo, Luna gera comentários maldosos, pela estética ou por atitudes consideradas imorais. Só que sua barriga não carrega o Filho de Deus. Ela engravida do descaso, do escárnio, da ausência da esperança e do grotesco que não encara o lirismo e a compaixão como a única forma de redenção para o infortúnio gratuito de estar atrelado à condição humana.

Cabe a Luna a missão de expurgar todo o mal que a ela foi atribuído. Sua barriga cresce até conseguir elevar sua massa disforme e rejeitada para o alto. E essa missão é cumprida quando o balão em que se transforma se dirige para o horizonte sem fim, carregando consigo o desconforto causado pela rejeição à sua quietude. Ela desaparece na imensidão do espaço e leva junto o desencanto com o qual foi recebida na sua sofrida existência. Mas não foi em vão. Como todos os incompreendidos da história, seu legado foi aliviar um pouco os horrores terrenos, deixando em seu rastro o acalanto de um céu mais estrelado do que antes. E como profetizou Adélia Prado: sim, um céu estrelado vale toda a dor do mundo.

### **Maria Alice Carnevalli**

Crítica literária, doutora em Ciências da Comunicação e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo.